

De botador d'água em Acopiara a procurador em Brasília.

JB Serra e Gurgel (*)

Já se disse que a mobilidade e a ascensão social têm evitado um arranca rabo ou um ajuste de contas na sociedade brasileira. Tudo porque não temos castas e os brasileiros podem nascer pobres, de classes baixas, e escalar a pirâmide social. Basta estudar, acumular méritos, trabalhar e não se precipitar. Todos podemos mudar de classe social, malgrado os obstáculos da estratificação. Acopiara tem advogados, procuradores, juízes, desembargadores, delegados, médicos, engenheiros, militares de diversas armas e patentes, dentistas, magistrados, jornalistas, padres, bispo. Para muitos, curso, diploma e anel caíram do céu. Para outros, custou caro. Alguns tiveram que remover paus e pedras, deixar pra trás jumento, cangalha e lata, driblar a pobreza. É o caso de José Alves Lima, filho de Vigário e Nice e neto de Mané João. Acopiara desconhece muitos de seus ilustres filhos, apesar do esforço de Adaiza, Fransquinha, Socorro, Rivanda e Izamar em resgatar toda uma geração que se espalhou neste mundão que é o Brasil. Há os que esquecem as origens, destroem o seu passado, por vergonha e desamor. Há os que se orgulham, valorizam, enchem o peito, mesmo porque quem ignora o passado não sabe de onde veio nem para onde vai. Lima fez o primário no Grupo Escolar Padre João Antonio, com as professoras Heloisa Holanda, Aglais Marques e Terezinha Pacífico, enquanto , para sobreviver, com pai, mãe e avô, botava água, diariamente, nas casas de José Rosa, José de Matos, Militão, Eulina, Padre Piancó, no Centro, e principalmente no bairro Farias Brito. Começava por José Rosa onde tomava seu café da manhã, digo pão de milho com leite. Também levava água a João Holanda, que foi o homem mais rico de Acopiara. O botador d'água, ancestral da água encanada, munia-se de jumentos, latas e ancoretas. Ia até a barragem enchia as ancoretas, e vinha acompanhando o jumento até a casa onde deveria encher os potes. Acopiara teve vários deles, os mais famosos , Antonio dos Anjos, o decano, Melado, Raimundo Sena, “sogro de metade da cidade”, Cícero Delfino, Fussura, Geraldo de Maria Pretinha. Nascido pobre, predestinado a ser mais um excluído pela vida terrena, desde cedo começou a sonhar enquanto seguia o jumento as ancoretas e as latas. “Tenho que trocar as latas pelos

livros”, Lima colocou isso na cabeça. “Com as latas não serei ninguém, com os livros poderei ter uma identidade”

Teve uma infância como todos os meninos de Acopiara., freqüentou a sinuca de seu Emidio Calixto, como palpiteiro, jogou futebol no Prado, foi ao cinema do Alfredo Nunes, participou das festas do padroeiro e da padroeira, foi a matinés e bailes no Clube Social, tomou banho na barragem, foi ao catecismo do Padre João Antonio, entrou nos circos pelo arame, porque não podia pagar, tomou banho de chuva na rua, pulou carnaval.

Em 1966, foi para o colégio agrícola de Lavras de Mangabeira, levado por João Marcon, que lhe abriu os horizontes e cujo tempo de estudo valeu para ser contado para sua aposentadoria. Lá, além dos livros, tinha comida, dormida e uniforme.

“Sou organizado mentalmente. Leio um vez e pronto, guardo tudo. Tenho uma enorme facilidade para aprender” confessa.

Terminado o ginásio em Lavras, em dezembro de 1969,

“cheguei a Acopiara e descobri que não queria voltar para o rabo da lata”. Decidiu pensar grande e voar alto. Despediu-se de sua cidade e de seu povo, do pai, mãe e avô, deu um beijo no velho companheiro de trabalho, o jumento, encheu os olhos d’água, pegou um ônibus para Juazeiro e de Juazeiro cheio de esperanças e fantasias dirigiu-se a Capital Federal. Era véspera de Natal e perdeu o endereço onde deveria se arrancar. Não se perturbou porque Papai Noel deu-lhe uma chance de chegar ao paraíso. Chegara.

Aqui se instalou na 414 Sul, por seis meses, na casa de um parente. Com o ginásio de Lavras, fez o artigo 99 para concluir o colegial. Em seguida fez vestibular de Direito na UDF, passando em 5º lugar e concurso para datiloscopista da Secretaria de Segurança Pública, passando a ganhar mil e 200 cruzeiros.

“Era muito dinheiro”, lembra. Logo alugou uma vaga na 706 Sul, e lá ficou até o concluir o curso de Direito.

Na festa de formatura, ninguém de Acopiara para que pudesse mostrar, orgulhoso, o canudo de papel que transformou em doutor o botador d’água, agora um vencedor. Não ganhou nem comprou o anel, o famoso anelão, ícone dos doutores do Ceará e do país.

Mudou-se para a 406 Norte onde fundou a “República de Acopiara” com Manuel piauiense e o Messias bahiano. Rossini Alves, irmão de Roberto, ambos de Acopiara, seu grande amigo, que estudava na UnB.era freqüentador. Por lá passavam, com Ivone, aos domingos, para comer macarrão..

Na República, andava sempre arrumado, bonito, cheiroso e com os sapatos pretos brilhando. Brilhavam tanto que levava consigo uma flanela para lustrá-los onde chegasse. Diziam que colocava o bico perto das saias das mulheres para refletir a paisagem das pernas que era do seu agrado.

Era conhecido por ser mão aberta, generoso, prestativo. Tudo que ganhava repartia com os que não tinham. Não poupava, distribuía renda. O muito para ele não era nada mas para os demais o pouco era muito, como canta em verso o Chico Pessoa.

Tinha uma auto-disciplina, não queria nada desarrumado na República razão pela qual ganhou o apelido de Seu Popó, em homenagem ao personagem de Chico Anísio, chato, ranzinza e irascível.

Fez 10 concursos públicos passou em todos eles: auxiliar de serviços gerais, do Ministério do Planejamento e Coordenação Geral, adjunto de administração da antiga Codebrás, DASP, Fundação Educacional do Distrito Federal, Câmara dos Deputados, Oficial de Justiça da Justiça federal e distrital, Ministério Público Federal e do Distrito Federal e dos Territórios. Optou pelo MP do Distrito Federal e Territórios, tomando posse em 13.11.72. Passou pela circunscrição do Gama, Planaltina, Taguatinga, Sobradinho e Plano Piloto até chegar ao Tribunal de Justiça, onde ficou seis anos na Vara de Família de Brasília.

Foram 26 anos e seis meses, de trabalho diário, levando serviço pra casa, querendo resolver as situações mais complexas dos relacionamentos e desventuras humanas quando decidiu se aposentar. “Já tinha ido muito longe. Tenho a dimensão da generosidade de Deus e dos homens para comigo. Nunca pensei que vindo da camada dos mais humildes de minha terra querida, Acopiara, chegaria ao topo da pirâmide social de Brasília, respeitado, de cabeça erguida, levado a sério”.

Nada lhe subiu a cabeça.

Um problema de saúde o atormentou por longo período, mas já se considera sarado. Dia desse mostrou-me sua listinha de “ajuda” ao pessoal de Acopiara, “uma ruma, um magote”, a começar pela mãe, etc e tal. A lista incluía a irmã, a viúva de um irmão e uma sobrinha em Maceió, que morou em apartamento que adquiriu e por quem tem uma devoção de pai. “Dou a ela o que dou aos meus filhos, principalmente, o que me deram: educação. Hei de vê-la formada e concursada”, diz com entusiasmo.

No baú de recordações, contadas aos amigos:

Certa vez, ouviu de um juiz, em Acopiara, dizer para um

demandante que queria interditar seu pai.

Ele rasga dinheiro, come merda e é casado no civil?.

Não.

Pois não interdito. Está dada a sentença.

Para o douto e sábio juiz o homem para ser interditado tem que ter três requisitos: rasgar dinheiro, comer merda e casar no civil.

JB Serra e Gurgel, jornalista e escritor (Acopiara)